

## A POESIA DE ALEXANDRE O'NEILL EM “FEIRA CABISBAIXA”

Cristiane Costa BAIOTTO

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais  
[crisbaiotto@yahoo.com.br](mailto:crisbaiotto@yahoo.com.br)

**Resumo:** O objetivo do presente artigo é pensar a poesia de Alexandre O'Neill a partir de seu livro “Feira Cabisbaixa”. Por meio das imagens poéticas, recriadas nesse livro, podemos revisitare o momento histórico português no ano de 1965. No entanto, sua poesia não se constitui apenas de um fato histórico, mas suscita elementos pelos quais podemos entrever uma produção literária infiltrada pelo manifesto e pela sátira. A imagem de uma feira, presente no título do livro “Feira cabisbaixa” e também em seu penúltimo poema *Feira desmanchada*, denota o uso da palavra para desfigurar uma situação de conformismo comum a todos, ou seja, a palavra é uma arma que dispara contra o gesto repetitivo, pois incomoda e desvia o percurso rotineiro das coisas. A palavra não desfigurada é a arma que o poeta detém para reagir ao seu tempo.

**Palavras-chave:** Alexandre O'Neill; poesia; palavra.

mas já é tempo (para mim) de deitar contas  
ao verso e ao reverso, de mostrar a língua  
a esse médico de quem tenho um pouco,  
para ver como vai o foro íntimo  
e, por consequência, o verso público.  
Alexandre O'Neill

A poesia de Alexandre O'Neill no livro “Feira Cabisbaixa” caracteriza-se pela sátira a Portugal e aos costumes dos portugueses, pela valorização do cotidiano de pessoas simples e pelas experiências que o poeta vivenciou em seu país. O contexto do livro pressupõe o que ele mesmo enfatizou nos seguintes versos: “a língua portuguesa vai-se rindo,/ galhofeira, comigo.” (O'NEILL, 1965, p. 226.) Essa forma de brincar com a língua pressupõe uma escrita distinta do purismo literário. Fazer galhofa com a língua é abusar das possibilidades inventivas, do coloquialismo e neologismos, mas também, ir de encontro a uma produção literária purista e elitista. A poesia de O'Neill em “Feira cabisbaixa” é composta pela simplicidade que cerca o cotidiano, por isso, sua forma de escrita distancia-se da poesia de livros, denominados por ele, “andejantes”, ou seja, livros vagos que ornavam as estantes das salas e bibliotecas.

O primeiro poema do livro, intitulado *Portugal*, denota um distanciamento entre o que é escrito e o que há, de fato, no país. A condição estabelecida neste verso que inicia o poema,

“Ó Portugal, se fosses só três sílabas,” enseja que havia um país que permanecia em secreto diante de tudo o que, até então, havia sido cantado. Existia, nesse sentido, um país que podia ser visto e que causava uma insatisfação coletiva, e outro que somente podia ser lido.

A descrição de Portugal citando as doceiras, os barristas e os toureiros com suas feitura que enchiam os olhos e o paladar não satisfaziam mais o poeta. Pois constituíam um chavão da imagem recriada do país. O poeta denuncia esse gesto repetitivo de desenhar, somente nos versos, o heroísmo de Portugal, quando o que existia e podia ser experimentado era a vida em um país cabisbaixo. E por isso, enfatiza seu desgosto e remorso diante dessa situação,

não há “papo de anjo” que seja meu derricho,  
galo que cante a cores na minha prateleira,  
alvura arrendada para o meu devaneio,  
bandarilha que possa enfeitar-me o cachaço.  
Portugal: questão que tenho comigo mesmo,  
golpe até o osso, fome sem entretém,  
perdigueiro marrado e sem narizes, sem perdizes,  
rocin engraxado,  
feira cabisbaixa,  
meu remorso,  
meu remorso de todos nós... (O’NEILL, 1965, p. 211)

No poema, ao questionar a imagem descrita de Portugal, o poeta enuncia de onde está falando. Ele denuncia e se opõe a essa forma de produção literária marcada pelo “versejar bonito”. O poeta busca no reverso a morada da própria linguagem que está no cotidiano, que emerge do contato e das experiências com o mundo. Segundo Foucault (1999), o livro não é mais que o reverso visível de uma linguagem que existe na natureza, no mundo. Esse jogo entre o verso e o reverso seria, portanto, deixar entrever, por meio da palavra, o desajuste, a insatisfação e o remorso.

Dessa forma, no poema *O país relativo*, Portugal é descrito por sua incompletude. Um país ainda por se fazer, ler e escrever. Esse é o reverso de suas conquistas heróicas. A palavra, nesse sentido, é entreluz que suscita o incômodo. De alguma maneira, esse incômodo emerge do próprio uso da língua em uma produção literária que contraria a forma purista de cantar o país.

A palavra não desfigurada dispara contra o verso desejado por um país de “terno e gravata”. As estantes repletas de livros vazios, se contrapõem ao reverso iletrado da população portuguesa. O poeta, sem necessitar de licença, é portador desse uso da palavra,

pois desforma a tradição para inscrever seu lugar. Nesse contexto, não pertence ao seu país, pois faz do poema seu exílio,

e o poeta que lhe pertence, pertence à insatisfação do exílio, está sempre fora de si mesmo, fora de seu lugar natal, pertence ao estrangeiro, ao que é o exterior sem intimidade e sem limite (...).Esse exílio que é o poema faz do poeta o errante, o sempre desgarrado, aquele que é privado da presença firme e da morada verdadeira. (BLANCHOT, 1987, p. 238)

Essa privação de uma morada verdadeira é o que possibilita, no ato da escrita, o risco, que segundo Blanchot (1987), é tocar o fundo da aparência que nada pode revelar, é afirmação que nada afirma, mas nessa posição instável, algo de verdadeiro da obra pode aparecer. E nesse sentido, em “Feira Cabisbaixa”, Portugal não é escrito como um lugar real ou verdadeiro em relação às outras formas de cantá-lo, o que está inscrito é uma forma de resistência da palavra não desfigurada. Uma poesia que emerge de uma aparência de ser Portugal somente um nome de três sílabas e, ao mesmo tempo, ser outro, um país cabisbaixo. Essa instabilidade é descrita no poema *O tempo dum corisco*.

Dos turcos desce a palavra  
E aqui entreluz, naufraga.

A palavra a ninguém salva.

Melhor metê-la, sem esperança,  
Sem recado, na garrafa.

Sempre é minha lavra. (O’NEILL, 1965, p. 212)

O risco, nesse sentido, está na possibilidade do naufrágio da palavra. Correr esse risco é beirar a confusão, é sobrepor afirmações, pois por meio da imagem da ausência de um recado dentro da garrafa, há uma outra afirmação de que criar esse recado é o ofício do poeta. Ou ainda - sem dizer - afirmar uma censura que torna obscuro o sentido da palavra. E a lavra do poeta perpassa a instabilidade de afirmar sem nada afirmar, de dizer apenas entredizendo.

Por conseguinte, temos a imagem do rio Tejo, descrita em dois poemas intitulados: *Três carneiros do Tejo* e *O Tejo corre no Tejo*. As águas do rio são o espelho da vida simples de um rapaz, que ao olhar a grandiosidade dessas águas que descem a serra de Albarracim se vê como parte delas. O rio Tejo não é aquele que recebeu “as Dez Odes do Dr. Armindo”

(O'NEILL, 1965, p. 214) mas aquele que abriga as conversas do poeta e os namoros da rapariga. Enxergar-se nas águas do rio é reinventar sua própria história, é seguir o mesmo curso do rio que em cada lugar enxerga diferentes coisas, ao ponto de não ser apenas um, mas tudo aquilo que abarcou durante o seu percurso:

Tu que passas por mim tão indiferente,  
no teu correr vazio de sentido,  
na memória que sobes lentamente,  
do mar para a nascente,  
é o curso do tempo já vivido. (O'NEILL, 1965, p. 234)

A memória presente nas águas do rio Tejo contrariam seu curso normal, pois corre do mar para a nascente. Há neste poema uma vontade explícita de deixar este passado para trás, de não preocupar-se com a tradição literária que ao versejar molda uma grandeza, por vezes, inexpressiva. Antes, o poeta anseia pelas “águas vivas da realidade” (O'NEILL, 1965, p. 234), mesmo sabendo que esta não passa de um vôo livre da imaginação.

Essa imaginação que reinventa a realidade no espaço textual é, segundo Iser (1999), um *como se*, no qual se inscreve uma dualidade de haver um mundo empírico e um outro recriado pelo texto, sendo este último visto apenas sob a ótica do “*como se fosse aquilo que designa*” (ISER, 1999, p. 69) Nesse espaço, “o mundo empírico se transforma num espelho, orientando o receptor para a concepção de algo que não existe e permitindo que esse inexistente seja visualizado como se fosse realidade” (ISER, 1999, p. 73). E não seria esse o movimento que o poeta faz ao dobrar-se diante do espelho d'água do rio? Visualiza a realidade como se fosse uma criação de si mesmo, estando no presente. A saudade é um sentimento indesejado, pois transforma o homem em um ser resignado, ficando somente “a olhar para o que passa” (O'NEILL, 1965, p. 234).

O poema *Autocrítica* apresenta uma crítica ácida em relação produção literária portuguesa. Ao se auto-criticar e refletir sobre sua própria escrita o poeta apresenta uma sátira à forma com que a crítica literária trata seus versos, e a valorização que esta tem para os demais poetas. Tomemos trechos do poema:

Bem sei que tenho sido, não poucas vezes, derrotado pela pressa,  
que me espojo na anedota ou a embalo  
na folha-de-flandres de conversa,  
bem sei que muitos dos meus versos  
nem para atacadores.  
Sei que não se deve, que não é tático cuspinhar contra o vento,  
Que logo, a jusante, um sujeito nos berra:

- Ó cavalheiro sua besta e se faz obséquio fosses cuspir na tua irmã!  
 Sei que não é bonito jogar ao chinquilha nos salões,  
 onde há tocheiros, santos, meninada, abstrações, tias  
 que a minha malha pode ofender, partir.  
 Sei que o sal das palavras  
 vai saraivar, às vezes carne viva.  
 (...)

A poesia é vida? Pois claro!  
 Conforme a vida que se tem o verso vem  
 - e se a vida é vidinha, já não há poesia  
 que resista. O mais é literatura,  
 libertinura, pegas no paleio  
 o mais é isto: o tolo dum poeta  
 a beber, dia a dia, a bica preta,  
 convencido de si, do seu recheio... (...) (O'NEILL, 1965, p. 249)

As palavras que saraivam carne viva são da lavra do poeta, mas não de qualquer poeta, somente daquele que faz uso da palavra não desfigurada. A resistência dessa forma de escrita satiriza a rotina festeira de grandes salões e figuras literárias. Para pensarmos a sátira como elemento presente nesse poema, percebemos que “a intenção do texto satírico é a destruição, mas ele mesmo, como texto, como produção artística, é construção; e não como jogo isolado, mas sim à medida que anuncia em sua forma de representação aquilo que deveria ser.” (ARNTZEN apud SOETHE, s/d, p. 4) A sátira, nesse sentido, recria uma realidade, dentro do poema, que coloca em debate o pretexto do texto literário.

No poema *Autocrítica*, o poeta faz de sua individualidade um microcosmo para que por meio dela possa ser visto um macrocosmo, que é o contexto em que estava inserida a produção literária portuguesa. A sátira, nesse poema, é um fingimento, uma ficcionalização pelo ato de falar de si mesmo quando na realidade fala-se de outro. O poeta sente-se deslocado, exercendo uma força de tensão entre o que idealiza ser uma forma de escrita e tudo o que rejeita na literatura.

Há duas instâncias para a produção da escrita suscitadas no poema, a poesia e a literatura. A poesia não pertence à literatura. Esta, com uma definição mais genérica, corresponde a qualquer forma de escrita que eleve alguém ao cargo de escritor. A poesia, no entanto, é resistência, denúncia. Por isso, está arraigada à vida.

Em “Feira Cabisbaixa” há uma tensão entre os temas e tons dos poemas. A condição social portuguesa satirizada pelos poemas revela que nada pode ser feito para que haja alguma mudança, pois a palavra mesmo saraivando carne viva, a ninguém pode salvar. Em contraponto, há um apego à terra portuguesa. Portugal é tratado como uma questão pessoal para o poeta. “Portugal: questão que eu tenho comigo mesmo” O'NEILL, 1965, p. 211) Isso

percebemos nos poemas sobre seus amigos pensados, ao todo nove poemas do livro. Encontramos, possivelmente, uma aproximação do poeta com sua terra. Citar esses amigos é uma maneira de mostrar-se à vontade e reconhecer pessoas próximas, no lugar em que habita. A vida simples desses amigos reafirma a resistência de uma luta diária, assim como a lavra do poeta com as palavras.

O penúltimo poema do livro intitulado *Feira desmanchada* é apresentado em um tom de ironia ao rir de uma situação insatisfatória, mas que foi denunciada, desmanchada pelas palavras. “Num frouxo de riso, desmonto o barraco;/ vida é outra loiça, que não este caco./ Rio como se pode rir um português/ ao ouvir, ocioso: - Será para outra vez...” (O’NEILL, 1965, p. 251) O riso denota o remorso sentido pela condição que é desfavorável.

Depois de a feira cabisbaixa ser apresentada como a opressão e a falta de oportunidades que o país impunha à maioria, restou a feira desmanchada. Ela foi denunciada e desfeita pelo uso da palavra não desfigurada. E para finalizar o livro, temos o último poema intitulado *O grilo*. O que resta depois da feira desmanchada? Talvez o incômodo de uma presença indesejada.

O sentimento desperto com a presença do grilo, descrito no poema, é o mesmo que perpassa todo o livro. Há uma ausência de esperança de que haja alguma mudança na condição social do país, pois esse grilo reaparece para questionar seus versos. Ao fazer uso da palavra não desfigurada o poeta apresenta uma questão que possui consigo mesmo e não com o efeito que essa palavra causa aos outros.

Com que então, coração,  
poesia-aflição  
Antes poesia-cão  
que é melhor posição. (O’NEILL, 1965, p. 245)

O livro é finalizado pela desesperança de que as palavras tenham surtido efeito. Tudo foi denunciado, porém sabe-se que a crítica recairá sobre seus versos. “Faz cri-cri no meu verso,/ faz cri-cri no meu quilo./ Cri-cri faz no ouvido/ e quase no mamilo.” (O’Neill, 1965, p. 252) O que resta é a resistência da palavra não desfigurada.

### Referências:

- ARNTZEN, H. *apud* SOETHE, Paulo Astor. *Sobre a sátira: contribuições da teoria literária alemã na década de 60*. Universidade Federal do Paraná, s/d.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8. ed. Trad. Selma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ISER, Wolfgang. *Teorias da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Trad. Bluma Waddington Vilar, João Cezar de Castro Rocha, Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1999.

O'NEILL, Alexandre, *Feira Cabisbaixa*. Lisboa: Ulisseia, 1965.